

QUE MALANDRO SOU EU? PARA UMA CARTOGRAFIA DO MALANDRO BRASILEIRO

Delmar Cruz Bomfim (Pós-Crítica/UNEB)

Orientadora: Prof. Dra. Carla Patrícia Bispo de Santana

Resumo: Esta investigação tem como objeto o malandro e objetiva propor uma nova tipologia para o mesmo com o intuito de explicar a existência de tipos e subtipos de malandros que diferem do perfil do malandro folclórico produzido, divulgado e comercializado pelo Estado Novo através da mídia e investigado pela literatura técnica em autores como Claudia Matos. A razão de fazer essa cartografia é mostrar: que não há somente um tipo de malandro e que este seja somente pobre; negro; brasileiro; hetero; vadio; que o malandro folclórico também era delinquente; que os personagens Leonardo e Macunaíma eram malandros inverossímeis; que malandro e pícaro não são coisas distintas; e por fim de construir a ideia que a malandragem folclórica é arte. Esta investigação está sendo feita a partir de obras literárias (O cortiço, O bem amado), textos cinematográficos (Filme de Carlos Bini), musicais (Letras de músicas de Moreira da Silva), históricos (Revista de História) e da literatura técnica que tratou do tema (Giovanna Dealtry); no espaço carioca e soteropolitano, no período que vai do pós-abolição até a década de 70; e teve como aporte teórico a esquizoanálise e a antropofagia, entre outros.

Palavras-chave: Cartografia. Malandro. Malandragem. Mídia.

O objeto da presente dissertação é o malandro. Este trabalho objetiva propor uma nova tipologia para o mesmo com o intuito de explicar a existência de tipos e subtipos de malandros que de tão diversos, não albergam, na sua totalidade, o perfil do malandro folclórico e caricatural produzido, divulgado e comercializado pelo Estado Novo e respaldado pela mídia (jornalística, radiofônica e televisiva) que dava sustentação ao poder instituído, e também pela literatura técnica que abordou o tema (Literatura, sociologia, antropologia e história) que de alguma maneira divulgou e comercializou essa mercadoria malandra. A razão de fazer essa cartografia é mostrar: que o malandro definido como folclórico não é o único tipo de malandro existente e que este malandro não é somente: de classe pobre; racialmente negro; de origem brasileira; e sexualmente hetero; que não tem comportamento somente associado à vadiagem como expressão de marginalidade; e que carrega também a marca da delinquência; que os personagens Leonardo e Macunaíma são malandros inverossímeis – tomando como base o conceito criado pela literatura técnica que tratou do tema, na voz de Claudia Matos (1981) que define o malandro como aquele que não gosta de trabalhar e quando trabalha não gosta de pegar no pesado, e que usa a malandragem como profissão ou ofício –; de que malandro e pícaro sejam coisas distintas; e por fim de construir a ideia que a malandragem folclórica possa ser considerada uma forma de arte.

Pensar o malandro como indivíduo pertencente somente ao extrato social pobre é acreditar que o malandro *folclórico* é o único tipo de malandro de existência percebida,

reforçando assim a ideia de preconceito de classe que isenta a qualquer membro da classe social média ou alta de poder ter a malandragem como profissão ou ofício. Esta observação já foi ventilada por Giovanna Dealtry na sua obra *No fio da navalha*.

Não se pode também acreditar que o malandro seja somente um indivíduo de grupo racial negro, pelo fato do malandro definido pela mídia e pela literatura técnica, assim como pela Literatura enquanto forma de representação da realidade, que trataram o tema o verem como alguém que gosta de samba, mora no morro, sabe jogar capoeira, tem habilidade para manejar uma navalha e que é pobre; características fortemente ligadas aos indivíduos negros e oriundos do pós-abolição. Conclui-se com esta forma de pensar que não existe nenhum indivíduo de grupo racial branco e de estrato social pobre que possa ser malandro. Este fato foi também observado por Dealtry na mesma obra já citada.

Não se pode tampouco conceber o malandro como personagem único e exclusivo do território brasileiro. Esta crença se desconstrói quando se observa, em diversos romances da literatura mundial, a presença de personagens malandros nos seus enredos, e como exemplo pode-se citar a obra “A Esmorga” do autor espanhol Eduardo Blanco Amor, que foi analisada por mim na dissertação intitulada: “Malandro: uma face singular galega?” e que já tinha sido também observada na obra *Lenço no pescoço: O malandro no teatro de revista e na música popular*, de Tiago de Melo Gomes.

Outra avaliação equivocada foi não perceber a ação malandra homossexual no universo que se denomina heterossexual. A malandragem não é componente restrito ao espaço heterossexual, apesar da mídia só o mostrar como tal, e é por conta disso que o homossexual malandro só teve uma menção mais contundente na obra cinematográfica intitulada *Madame Satã*, malandro homossexual que não pôde ser escamoteado por conta da sua atuação constante nos acontecimentos noturnos da vida social suburbana carioca.

Não se pode tampouco acreditar que o malandro seja um personagem vadio na sua essência porque a figura do malandro não se resume somente ao contexto marginal. Pode-se ver o malandro em todos os estratos raciais e sociais, inclusive na classe política, e este fato pode ser constatado na obra “O Bem amado” de Dias Gomes, como também no em outros subtipos de malandros que mais a frente serão mencionados. Malandros que já incorporam características totalmente diferentes da única referência que se tinha de malandro dentro da sociedade brasileira, que repousava na figura do malandro folclórico.

O objetivo seguinte é mostrar que o malandro folclórico também é um delinquente e explicar como se deu seu processo de folclorização e caricaturização usado pelo sistema para

escamotear sua delinquência, encobrendo sua nova face com a presença de um personagem caricatural, produzido como bem simbólico que depois passou à condição de mercadoria cultural.

Também não se pode deixar de chamar atenção para o caráter inverossímil de personagens como Leonardo de *Memórias de um sargento de milícias*, e Macunaíma da obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Deve-se levar em consideração na tipificação do malandro brasileiro que o malandro, antes de ser uma representação da literatura, ele é, antes de tudo, representação da realidade ordinária que nos cerca. Sendo assim suas características são inconfundíveis e para obter êxito no intento de enganar deve-se contar com o concurso de ações engenhosas e particulares que provêm do sujeito que as pratica, geralmente sem a intersecção de outrem na realização das mesmas. Por conta disso pode-se dizer que Leonardo e Macunaíma são personagens inverossímeis. O primeiro pelo fato de não coordenar suas supostas malandragens e não fazer nenhum esforço malandro para conseguir ganhar a vida; e o segundo por ter a maior parte das suas ações realizadas por força do concurso da magia.

Este trabalho também tem a intenção de mostrar que malandro e pícaro não são indivíduos ou personagens diferentes. Malandro e pícaro têm as mesmas características, embora só se diferencie através do quesito raça e origem geográfica, teoria que o presente trabalho deve adotar pelo fato das características dos pícaros e malandros tenderem para uma unidade que se mostra muito maior do que a possível diversidade que possam distanciá-los. Essa argumentação foi feita a partir da contestação dos argumentos apresentados na obra *Dialética da malandragem* por Antônio Cândido, que filia o malandro Leonardo ao malandro na sua análise comparativa entre malandro e pícaro.

Por fim, produzir um sentido diferente para a malandragem, propondo que ela seja enquadrada como obra de arte. A razão de poder vislumbrar a malandragem como arte reside no fato da definição da arte reger-se pela afirmação que arte seja tudo que pode causar prazer estético, embora a única malandragem em que se pode adotar esta definição repouse na figura do malandro folclórico.

No que concerne à tipologia proposta, o malandro será classificado em três tipos, e estes serão divididos em subtipos. O primeiro tipo será o *Malandro filho de algo*, composto dos subtipos: *malandro fidalgo*, *malandro hippie*, *malandro acadêmico*, *malandro executivo* e *malandro virtual*; o segundo será o *Malandro Filho de puta*, composto dos subtipos: *malandro folclórico (embrionário, primitivo, empírico, de essência, romântico)*, *malandro marginal ordinário* e *malandro marginal especializado*; e o terceiro, o *malandro Inverossímil* composto

pelos subtipos *simbólico, mítico e místico*. (Dos subtipos de malandro enumerados, o único que não foi por mim proposto foi o malandro *folclórico*).

O malandro *filho de puta* teve sua adjetivação relacionada a aspectos da sua gênese, ou seja, personagem ou indivíduo que tinha uma vida miserável, sem oportunidades de ascensão social, no contexto da sociedade em que vivia, por não ter um berço ancorado na nobreza ou na classe social prestigiada. O termo tem também a conotação de homem gerado de mulher não “bem nascida”, ou seja, que não teve berço nobre. Esse tipo de malandro será dividido em três subtipos: malandro *folclórico* (*embrionário, empírico, primitivo, de essência, ou romântico*), malandro *marginal ordinário* e malandro *marginal especializado*.

O malandro *folclórico* era um indivíduo que a mídia brasileira, a cultura, a Literatura e a literatura técnica que tratou o tema, influenciados pelo processo de produção de subjetividades empreendido pelo Estado Novo, definiram ou sustentaram a ideia que malandro era o indivíduo que não trabalhava, e quando trabalhava não gostava de pegar no pesado, mas que não era ladrão, apenas que cometia pequenos furtos. Este malandro que, paulatinamente foi transformado em bem simbólico e depois em mercadoria simbólica era, na compreensão desse trabalho, o indivíduo ou personagem vadio, pobre, homossexual – em muitos contextos bissexual, às vezes homossexual (Madame Satã), negro, e sobretudo, em muitos casos, o delinquente da época Vargas, que foi folclorizado e caricaturizado pelo Estado Novo através da cultura, tendo como segmentos de apoio para essa folclorização a mídia jornalística, televisiva e radiofônica brasileira, assim como a literatura técnica que tratou do tema. Este malandro é na verdade a figura do malandro *marginal ordinário* que evoluiu para o malandro *marginal especializado*, se transformando no terror, não só das favelas do Rio de Janeiro e das invasões da Salvador, mas também de todo território nacional. Esse subtipo de malandro foi investigado nas letras de música produzidas na época do Estado Novo e nos seguintes romances: *O cortiço* de Aluísio Azevedo e *O pagador de promessas* de Dias Gomes.

O malandro *marginal ordinário* é o ladrão, o latrocida, o estuprador, o estelionatário, indivíduo que se nega a trabalhar, não só por falta de uma política inclusiva, mas, sobretudo, por ter uma índole que o induz a penetrar no campo do desejo que o remete a um submundo que nem o estado de exceção proposto por Agamben (2010) consegue explicar. Este malandro é o mesmo malandro folclórico, com a diferença das formas delinquências variarem de acordo com a época e do mesmo ser um produto da representação literária que sempre resistiu a trata-lo como delinquente. Na época de Varga ele usava a navalha. No período atual, a

tecnologia das armas de fogo. Este malandro foi investigado nas letras dos raps de Racionais Mcs e na peça teatral Salmo 91 de Dib Carneiro Neto.

O malandro *marginal especializado* é o malandro *marginal ordinário* que já desenvolveu, no campo da marginalidade delinquente, a divisão racional do trabalho, e empreendeu uma produção serial orientada por um chefe que organiza toda logística do chamado crime organizado. Este foi investigado nas obras: *Ópera do malandro* de Chico Buarque de Holanda e no livro *Comando Vermelho, o crime organizado*, de Carlos Amorim.

O segundo tipo de malandro, o malandro *Filho de algo*, nada tem a ver com o malandro do tipo *Filho de puta*. O malandro *Filho de algo* se refere à caracterização do malandro originário da nobreza ou de um estrato social de prestígio. Ele é o indivíduo ou personagem que na sua gênese não sugere continuidade evolutiva como acontece com malandro *Filho de puta*. O malandro *Filho de algo* tem mais autonomia e se engendra em momentos isolados da história, mostrando descontinuidade, porque seu correlato se encontra em vários cantos do mundo, principalmente na Espanha, em particular na figura do pícaro, pelo fato de gravitar em um espaço geográfico e racial que não está relacionado com o pobre ou o negro.

O primeiro subtipo do malandro *filho de algo* é o malandro *fidalgo*, principalmente o fidalgo pobre, impedido de trabalhar por carregar o fardo da nobreza. Ele era geralmente um nobre pobre, que usava a malandragem como tática de sobrevivência, por ser desonroso trabalhar em atividades não consideradas nobres. Por isso também tinha a malandragem como profissão ou ofício. O subtipo *fidalgo* usa da malandragem para sobreviver em uma sociedade onde só os plebeus trabalham, ou seja, brancos pobres e escravos ou negros alforriados. Sua ação malandra vai do hábito de alugar casa e cama e dar calote no proprietário por não ter dinheiro para pagá-las, até o fato de ser sustentado pelo pícaro como aconteceu em *História de la vida del buscón* de Francisco de Quevedo. Contudo tinha representantes na realeza, como se pode verificar na figura de D. Pedro I, o imperador do Brasil, que teve boa parte da sua vida ancorada na malandragem como mostra a “Revista de História” de nº 64 intitulada: “Amantes”. Este trabalho considera D. Pedro I como o primeiro malandro brasileiro do império brasileiro. A presença do malandro fidalgo, de origem imperial, foi ilustrada também na Literatura através das obras: *O quinto dos infernos* e *Carlota Joaquina, a imperatriz do Brasil*.

O segundo malandro, do tipo *Filho de algo*, é o *hippie*. O malandro hippie é oriundo do grupo racial branco, representado pelos hippies dos anos de 1960. Esse malandro desenvolve subjetividades revolucionárias apoiadas no desejo de negar o sistema do qual ele diverge na

maneira de ver o mundo. Ele tentava ser rizoma em um mundo entrelaçados por raízes financeiras que sufocavam os ideais de “paz e amor”. Este malandro se negava a trabalhar como forma consciente de não se modelizar ao sistema de produção capitalístico. A sua malandragem consistia em não trabalhar e tampouco pegar no pesado. Ele vivia da sua arte artesanal se configurando como o indivíduo que tinha o domínio do seu tempo (DEBORD, 2013). Ele usava da arte de enganar quando colocava sua negação ao trabalho como uma simplesmente forma de negação ao sistema. Este malandro terá visibilidade, no movimento hippie brasileiro através da seguinte obra cinematográfica: *Geração bendita – É isso aí bicho*, dirigida por Carlos Bini (2009).

O terceiro é o malandro *acadêmico* que pratica a malandragem para sobreviver em um universo onde a sua vida intelectual ainda o impede de ter uma jornada de trabalho que atenda às suas necessidades básicas. Este malandro vai circular nos meios acadêmicos produzindo todo tipo de subjetividade revolucionária que estivesse ao seu alcance. Ele necessitava de dinheiro extra para realização orgias, ou mesmo para desafogar seu orçamento pessoal. Estes desejos lhe remetem aos expedientes de malandragem que variam da caftinagem, até os golpes financeiros dados em outrem, usando a mulher como forma de atração. Ele também usava a mulher para resolver problemas associados à moradia, como aconteceu na relação de Carlito e Ada, no romance: *Bandoleiros*, de João Gilberto Noll. (1999).

O quarto é malandro *executivo*, cujo trabalho se resume em produzir capital ilícito para seu bem estar social. Ele é o malandro de terno e gravata tão cantado nos sambas de malandragens por Bezerra da Silva, e mostrado na obra: *O Bem amado*, de Dias Gomes (1961), que tem a sua malandragem também comprovada na forma como se opera a corrupção no país. O político profissional era o que desenvolvia a arte de enganar o povo. Ele tinha a atividade política como profissão ou ofício. Atividade que o permitia não pegar no pesado.

O quinto é o malandro virtual ou tracker. Neste tipo de malandro a malandragem virtual se opera sem a interlocução do enganador e do enganado. Tudo acontece em alguns clics. O enganador se passa pelo enganado para enganar o sistema. Sua crise esquizo se processa na devoração da identidade do outro através da indumentária das informações pessoais do internauta enganado. A malandragem se expressa de modo tão sutil que o enganado nem sempre tem conhecimento que foi enganado. Ele só terá conhecimento que foi acometido desse golpe de malandragem quando consulta seu extrato de cartão de crédito. Este malandro será investigado no artigo intitulado *Hackers: mocinhos ou bandidos? Uma análise dentro da hierarquia*.

E para concluir vem à tona o malandro de tipo *Inverossímil* cuja malandragem não é uma atividade que exige a utilização de uma ação individual e engenhosa própria. Suas ações se movem ao sabor da ajuda de outrem e do mágico. Ele é o malandro que não pode ser representado racionalmente na sociedade. Este malandro só tem existência dentro do campo da representação literária ou religiosa. Ele pode ser considerado malandro pelo fato de ter a malandragem como profissão ou ofício. Ele se divide em malandro *simbólico*, *malandro mítico* e *malandro místico*.

O malandro *simbólico* é o malandro que vive uma malandragem que não conta com concurso do seu desejo e sim do desejo de outrem que resolve ajudá-lo a se desenvolver na vida por conta de uma relação de parentesco ou padrinagem, como a que envolveu o personagem Leonardo, do romance: *Memórias de um Sargento de Milícia*, de Manuel Antônio de Almeida.

O outro subtipo de malandro *inverossímil* é o malandro *mítico*. Este está relacionado com o mito que tem o intuito de criar uma teoria para a origem das coisas através uma explicação que geralmente foge ao domínio do real e estabelece uma relação mágica na sua proposição. O malandro *mítico* é o malandro que conta com o concurso do mágico para desenvolver sua malandragem. O representante desse tipo de malandro na literatura brasileira é o malandro Macunaíma, da obra *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Oswald de Andrade.

O terceiro tipo é o malandro místico representado pelo personagem religioso Zé Pilintra, que é uma divindade que tem sua representação nas religiões da umbanda e do candomblé. Este subtipo malandro será investigado em textos que falem da religião citada.

Os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa serão os seguintes: Tipificar o malandro em tipos e subtipos; Cada tipo e cada subtipo vão ser definidos para que se tenha a exata compreensão do tipo e subtipo de malandro que se está pesquisando. Como ponto de partida esta pesquisa toma um contorno exploratório por caracterizar o problema que se resume em questionar o conceito atual de malandro, defini-lo, para em seguida estruturar os novos modelos teóricos propostos, relacionando-os às novas hipóteses; A investigação bibliográfica consistirá em fazer levantamento das obras literárias que tem o malandro como participante de um dos seus núcleos ou mesmo do tema principal da história. Em seguida os trechos relativos à vivência do malandro serão fichados. Esses procedimentos serão feitos com intuito de tipificá-lo de acordo com as características por cada um apresentadas, as quais serão analisadas, a fim de serem classificá-las de acordo com cada tipo

e subtipo propostos. Algumas obras literárias funcionarão como referências, para situarem determinados subtipos malandros, contudo a maioria será utilizada como suporte para situar algumas passagens em que o personagem malandro se estabelece como integrante de um dado núcleo, sem, contudo ser tema da obra. Ao se investigar o malandro na literatura não se deve ater somente a obras que tenham a malandragem como tema principal, como acontece com a *Ópera do malandro*, de Chico Buarque, e sim focar-se no malandro como figura pontual que aparece em um dado núcleo do enredo de cada romance selecionado; Utilizar como operador a obra de Michael George Hanchard (2001) *Orfeu: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo* para destacar o nível de consciência racial do malandro embrionário; Fazer uma resenha do artigo de Antônio Cândido intitulado, *Dialética da malandragem* (1993) e cotejá-la com as características do malandro folclórico e as características de Leonardo, a fim de mostrar que a filiação de Leonardo ao malandro, proposta por Cândido, não procede, se tomarmos como base de análise o fato de Leonardo não ter características do malandro real e por conta das limitadas características levantadas para se fazer a comparação; Quanto à forma de abordagem, a pesquisa tende a interpretar os fenômenos ocorridos no campo da malandragem, e atribuir novos significados ao malandro, portanto é uma pesquisa de cunho qualitativo; A pesquisa definirá como espaço geográfico os territórios carioca e soteropolitano pelo fato da atuação do malandro *folclórico* ser bastante expressiva nesses dois territórios e assim como ação da mídia que divulgou a figura do malandro *folclórico*; A presente investigação se aterá ao período que vai de 1888 até a década de 1970. O período definido leva em consideração a época pós-abolicionista, em que a figura do malandro *fidalgo* começa a ser percebida e a figura do malandro *folclórico* começa a ser forjada. O ano de 1960 conhece o apogeu do malandro hippie e o ano de 1970 nos remete ao fim de muitos movimentos políticos e culturais expressivos que marcaram nosso país, e que também foi o auge do movimento estudantil, representado pelo malandro *acadêmico*; e por fim a ação mais expressiva da malandragem política, na figura do malandro executivo, que tem o seu auge durante a ditadura militar.

O que se pode concluir do que foi exposto é que o malandro não tem raça, nacionalidade, orientação sexual ou classes sociais específicas. Ele é parte de um mundo em que as pessoas têm reflexos similares na luta pela sobrevivência e ações e estratégias elaboradas na arte de enganar. Com esta pesquisa abre-se o caminho para o entendimento que o malandro não se resume em identificar somente o que está relacionado ao estrato negro, pobre, heterossexual e brasileiro, apesar do poder instituído e a mídia, e em alguma medida os estudos literários, na forma como representa o personagem malandro, apontarem

para essa direção quando definem como malandro aquele que carrega as características do malandro *folclórico*, indivíduo que vive nas favelas, gosta de samba, joga capoeira, usa a navalha e engana ou comete pequenos furtos como tática de sobrevivência; ou mesmo com relação ao malandro *marginal* que ouve funk ou rap e troca a navalha pela arma de fogo. Talvez haja uma tendência de invisibilizar o *malandro Filho de algo* quando suas atrocidades são cometidas, pelo fato de este ser um indivíduo, um personagem ou uma personalidade branca, que ouve MPB, gosta de dancing music, que é brasileiro ou estrangeiro, bem educado e até mesmo intelectualizado, e que age como um homem cordial, gentil e hospitaleiro, mas que pode, através da sua malandragem, roubar, matar e contribuir na promoção da desgraça de um indivíduo, de um grupo ou de uma nação inteira.

Pode-se observar que em toda literatura técnica que tratou do tema, a concentração na análise do malandro folclórico, como forma de representação da malandragem, é recorrente. Não se postulou nada que estivesse relacionado a outro tipo de malandro que não fosse através de um processo de vislumbramento, como também não houve uma proposta de se fazer uma cartografia do malandro brasileiro como intuito de criar uma nova tipologia para o mesmo. Nenhuma observação feita ao malandro folclórico apontou duramente para a sua real essência que em grande parte dos casos esteve pautada na delinquência. O conceito de malandro divulgado sempre foi aquele, que na concepção deste trabalho, é fruto da produção de subjetividade empreendida pelo Estado Novo através da cultura de massa, para dar suporte à sua política populista e na representação feita pela Literatura que cria um subtipo de malandro inofensivo. Observa-se que até mesmo a intelectualidade foi vítima desse processo de manipulação desenvolvido pelo Estado Novo quando dá visibilidade aos malandros propostos pela Literatura. Percebe-se também que nenhum trabalho nem sequer vislumbrou a possibilidade de malandro e pícaro serem um único indivíduo ou personagem e que se diferenciasse basicamente por causa da nomenclatura e por conta de duas características que se assentam no âmbito racial e geográfico. Por fim nada foi formulado, no que concerne ao tema malandro, que vislumbresse a possibilidade de que a malandragem fosse considerada arte pelo fato de não se ter ventilado a folclorização do malandro como uma forma de transformar o malandro em bem simbólico e depois em mercadoria que foi comercializada como produto genuíno da cultura brasileira.

Os resultados dessa pesquisa podem levar à desconstrução de preconceitos que foram enraizados e fossilizados no imaginário popular brasileiro, que tem figura do malandro atrelado ao subtipo malandro *folclórico*, ou seja, como parte de um coletivo social pobre e

pertencente a um seguimento racial negro, afirmando com isso a invisibilidade dos vários malandros que gravitam em espaços internacionais, brancos e de classe alta.

Momentos da história que ficaram opacos e quase embaçados ressurgiram com outra significação como foi o caso dos malandros *hippies* que optaram por não trabalhar de maneira legalizada como forma de negar um sistema que eles se propunham combater. Por outro lado também trouxe à cena a figura do malandro acadêmico (subtipo malandro que terá visibilidade na obra: *Bandoleiros* de João Gilberto Noll) que sempre foi visto pela sociedade como um intelectual revolucionário. Esse fato fez com que sua visibilidade emergisse, e viesse à tona atividades marginais como enganar, usar drogas ou ser caftino. Mais adiante ganha projeção a figura do malandro *executivo* que adota uma postura malandra molecular, afetando uma nação inteira.

Esse trabalho ganha importância no Programa Crítica Cultural por dialogar com as diversas áreas do conhecimento com a história, sociologia, música e antropologia cultural que tem por objetivo o estudo do homem e das sociedades humanas na sua vertente cultural, quando investiga o malandro dentro da cultura brasileira, tendo sua vinculação com a Linha de Pesquisa Margem da Literatura, pelo fato de trabalhar com a produção de identidades de uma minoria (malandro *filho de puta*) que só teve visibilidade por ser exposta socialmente através de estereótipos que a sociedade, por meio da mídia, exhibe como folclórico, mas que guarda uma saga de marginalidade, sendo apenas tolerada na forma de expressão artística. Entende-se por crítica cultural a pós-crítica, mas a pós-crítica entendida como revisão da crítica, ou seja, a volta no sentido de rever os valores e não o que vem depois. A Crítica cultural pauta-se na releitura como parâmetro, e este parâmetro é o estético-político-cultural que se configura em estudo, mas o estudo enquanto prática que pode ser adquirida pelos textos trabalhados. A Crítica cultural trabalha também com a noção de produção de forma ampliada, ou seja, a produção subjetiva. Como o tema malandro poderia ter como operador a Crítica cultural? Poder-se-ia dizer que a Crítica cultural estaria operando quando se investigasse a forma pela qual o malandro foi formado, produzido, construído e comercializado, ou seja, qual a sua relação estética com a literatura? Qual a sua relação política com o Estado e como a cultura influenciou no seu nascimento, na sua existência, e na tentativa do seu desaparecimento? Quando se questiona a postura das mídias: televisiva, jornalística e radiofônica, assim como a postura da literatura técnica que tratou do tema, como também a Literatura que representa a realidade e a crítica acadêmica que, adquiriram e fizeram circular a produção de subjetividades do Estado através da cultura, o que se quer mostrar é a forma e intensidade pelas quais o

malandro foi disseminado por esta cultura, que na percepção desse trabalho, foi de maneira reacionária.

REFERÊNCIAS

ACONTECEU em Woodstock. Direção e produção: Ang Lee. *Intérpretes*: Demetri Martin, Imelda Staunton, Emile Hirsch, Liev Schreiber. 2009.

AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Trad. Henrique Burigo. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ALEMÁN, Mateo. *Gusmán de Alfarache*. 7 edición. Madrid: Ediciones Cátedras, 2006.

ALMEIDA, Manoel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Ática, 1979. Ed. Crítica do Instituto Nacional do Livro por Terezinha Marinho.

AMORIM, Carlos. *Comando Vermelho*. 1 Rio de Janeiro. Editora BestBolso, 2011.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 30 ed. Belo Horizonte. Vila Rica Editora Reunidas Ltda, 1997. Ed. Crítica de Telê Porto Ancona Lopez.

ANDRADE, Oswald de. A utopia antropofágica. São Paulo: Ed. Globo, 1980. (Inclui: A antropofagia ao alcance de todos, por Benedito Nunes). Secretaria de Estado da Cultura. (Obras completas de Oswald de Andrade).

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. 11 ed. São Paulo: Ática, 1981.

BOMFIM, Delmar Cruz. *Malandro uma face singular galega?*. Dissertação de mestrado. Santiago de Compostela, 2008.

BUARQUE, Chico. *Ópera do malandro*. 3 ed. São Paulo: Livraria Cultural Editora, 1980.

CÂNDIDO, Antônio. Dialética da Malandragem. In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

ELIADE, Mircea. Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GERAÇÃO Bendita – É isso aí bicho. Direção Carlos Bini. Produção: Meldy Filmes Ltda. Intérpretes: Rita de Cássia, Carlos Bini, Charlotte Garcia, Sebastião Gonçalves, Carls Kohler, Carlos Doudy e João Carlos Teixeira. Rio de Janeiro, 1970. Longa metragem (colorido, 32mm).

GOMES, Dias. *O pagador de promessas*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1961.

GOMES, Dias. *O Bem amado*. Rio de Janeiro: Globo, 2010.

GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. Sueli Rolnik. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977. (Editions Recherches.)

GUATTARI, Félix; Rolnik, Sueli. *Cartografias do desejo*. Ed. Petrópolis. RJ: Editora Vozes, 2000.

HANCHARD, Michael George. *Orfeu e o Poder: O Movimento Negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988)*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.

LA VIDA de Lazarillo de Tormes y de sus fortunas y adversidades. 10 edición. Madrid. Taurus Ediciones, S.A, 1978.

MATOS, Claudia. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

NETO, Dib Carneito. *Salmo 91*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2008.

NOLL, João Gilberto. *Bandoleiros*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

QUEVEDO, Francisco de. *Historia de la vida del Buscón*. Madrid: Editorial Espasa Calpe, S.A, 2001.